

Landesbibliothek Oldenburg

Digitalisierung von Drucken

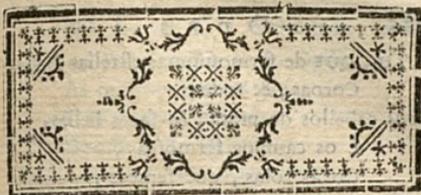
Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

Odes De Luis De Camoens.

urn:nbn:de:gbv:45:1-2655



O D E S
D E
L U I S D E C A M O E N S .

O D E I .

A' L U A .

D E T E M hum pouco, Musa, o largo pranto,
Que Amor te abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeito,
A'quella, cujo objeito,
Todo o mundo alumia,
Trocando a noite escura em claro dia,
O H D E L I A , que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noite escura fazes, que nam possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
Amor, por teu divino
Rosto, porque endoudeço, & desatino,
Q iij

Tu , QUE de fermosíssimas estrellas ,
 Coroas , & rodeas
 Teus cabellos de prata , & faces bellas ,
 E os campos fermoseas ,
 Co as rosas , que semeas ,
 Co as boninas , que gera
 O teu celeste amor na primavera.
 Pois, Delia, dos teus Ceos védo estás quâtos
 Furtos de puridades ,
 Suspiros , magoas , ays , musicas , prantos ,
 As conformes vontades ,
 Humas por saudades ,
 Outras por crûs indicios ,
 Fazem das proprias vidas sacrificios.
 JA' VEYO Endimião por estes montes ,
 O Ceo suspenso olhando ,
 E teu nome cos olhos feitos fontes ,
 Em vão sempre chamando ,
 Pedindo , & suspirando
 Mercês à tua beldade ,
 Que ache em ti alguma hora piedade.
 POR TI feito pastor de branco gado ,
 Nas selvas solitarias ,
 Sã de seu pensamento acompanhado ,
 Conversa as alimarias ,
 De todo amor contrarias ,
 Mas nam como ti duras ,
 Onde lamenta , & chora desventuras.
 PARA ti guarda o sitio fresco de Ilho ,
 Suas sombras fermosas ,

Para ti no Erymanto o lindo Opilio,
 As mais purpureas rosas,
 E as drogas cheirosas
 De este nosso Oriente,

Guarda a felice Arabia mais contente.

DE QUE Panthera, Tigre, ou Leopardo,
 As asperas entranhas,

Nam temerao o agudo, & fero dardo,
 Quando pellas montanhas
 Muy remotas, & estranhas,
 Ligeira atravestavas,

Tam femosa, que amor de amor matavas?
 DAS CASTAS virgens sempre os altos gritos,
 Clara Lucina, ouviste,

Renovadolhe a forca, & os espritos;
 Mas os daquelle triste
 Já nunca consentiste

Ouvillos hum momento,

Para ser menos grave seu tormento.

NAM fujas de mi assi, nem assi te escondas
 De hum tam fiel amante,

Olha como suspiraõ estas ondas,
 E como o velho Atlante,
 O seu collo arrogante,
 Move piedosamente,

Ouvindo a minha voz fraca, & doente.

TRISTE de mi, que me he peor queixarme,
 Pois minhas queixas digo,

A quem já ergueo a mão para matarme,
 Como a cruel imigo,

Mas eu meu Fado sigo ,
 Que a isto me destina ,
 E sò isto pretende , & sò me enfina .
 OH QUANTO ha já , que o Ceo me defengana ,
 E eu sempre porfio
 Cada vez mais na minha teima insana !
 Tendo livre alvedrio ,
 Nam fujo o defvario ,
 E este , que em mi vejo ,
 Engana co a esperança meu desejo .
 OH QUANTO melhor fora , que dormissem
 Hum sono perennal
 Estes meus olhos tristes , & nam vissem
 A causa de feu mal !
 Fugira hum tempo tal ,
 Mais que de antes proterva ,
 Mais cruel que Ussa , mais fugaz , que Cerva .
 AY DE MI , que me abraço em fogo vivo ,
 Com mil mortes ao lado ,
 E quando mouro mais , entao mais vivo !
 Porque assi me ha ordenado
 Meu infelice estado ,
 Que quando me convida
 A morte para a morte , tenha vida .
 SECRETA Noite amiga , a que obedeço ,
 Estas rosas (por quanto
 Meus queixumes ouviste) te offereço ,
 Este fresco Amarantho ,
 Inda humido do pranto ,
 E lagrimas da esposa
 Do cioso Tithão branca , & fermosa .

O D E I I.

TAM suave, tam fresca, & tam fermosa,
Nunquã no Ceo sahio

A Aurora, no principio do verãõ,
A's flores dando a graça costumãda;
Como a fermosa minha fera, quando
Hum pensamento vivo me inspirou,
Porquem me desconheço.

BONINA pudibunda, ou fresca rosa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do Sol no Touro estãõ,
De cores diferentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O sofrimento triste costumou

A pena, que padeço.

LIGEIRA, bella Ninfa, linda, irosa,
Nam creio, que seguio
Satyro, eujo brando coração,
De amores eommoveffe fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, adonde amor mostrou

Tam prospero começo.

NUNQUA em fim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale aquella forma, & condiçãõ,
Que as dores, em que vivo, estima em nada;
Mas com tam doce gesto, irado, & brando,
O sentimento, & a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

BEM CUDEI de exaltar em verso , ou prosa
 Aquillo , que a alma vio ,
 Antre a doce dureza , & mansidão ,
 Primores de belleza defusada ,
 Mas quando quiz voar ao Ceo cantando ,
 Entendimento , & engenho me cegou ,
 Luz de tam alto prego.

NAQUELLA alta pureza deleitosa ,
 Que ao mundo se encubrio ,
 E nos olhos angelicos , que são
 Senhores desta vida destinada ,
 E naquelles cabellos , que soltando
 Ao manso vento , a vida me enredou ,
 Me alegre , & entristeço.

SAUDADE , & suspeita perigosa ,
 Que amor constituhio ,
 Por castigo daquelles , que se vão :
 Temores , penas , da alma desprezada ;
 Fera esquivaça , que me vai tirando
 O mantimento , que me sustentou ,
 A tudo me offereço.

O D E I I I .

SE DE meu pensamento
 Tanta razão tivera de alegrarme ,
 Quanto de meu tormento
 A tenho de queixarme ,
 Poderás triste Lyra consolarme .
 E MINHA VOZ cansada ,

Que noutro tempo foi alegre, & pura,
 Nam fora assi tornada,
 Com tanta desventura,
 Tam rouca, tam pesada, nem tam dura,
 A SER como folia,
 Pudera levantar vossos louvores,
 Vós minha Hierarchia
 Ouvireis meus amores,
 Que exemplo são ao mundo já de dores:
 ALEGRES meus cuidados,
 Contentes dias, horas, & momentos,
 Oh quaõ bem alembrados
 Sois de meus pensamentos,
 Reinando agora em mi duros tormentos,
 Ai custos fugitivos,
 Ai gloria já acabada, & consumida,
 Cruéis males esquivos,
 Qual me deixais a vida,
 Quam chea de pesar, quam destruida,
 MAS COMO nam he morta
 A triste vida já, que tanto dura,
 Como nam abre a porta
 A tanta desventura,
 Que em vaõ co seu poder o tempo cura,
 MAS PARA padecella,
 Se esforça meu fugeito, & convalece,
 Que sò para dizella,
 A força me falece,
 E de todo me canfa, & enfraquece,
 O' BEM afortunado,

Tu , que alcançaste com lira toante ,

Orfeo , ser escutado ,

Do fero Rhadamante ,

E cqs teus olhos ver a doce amante.

As INFERNAES figuras ,

Moveste com teu canto docemente ,

As tres furias escuras ,

Implacaveis à gente ,

Quiêtas se tornãrao de repente.

Ficou como pasmado ,

Todo o Stygio Reyno co teu canto ;

E quasi descansado ,

De seu eterno pranto ;

Ceffou de alçar Siffo o grave canto.

A ORDEM se mudava

Das penas , que ordenava alli Plutaó ,

Em descanso tornava

A roda de Ixiaó ,

E em gloria quantas penas alli saó.

PELO QUAL admirada

A Raynha infernal , & commovida ,

Te deo a desejada

Esposa , que perdida

De tantos dias já tivera vida.

POIS MINHA desventura

Como já não abranda huma alma humana ,

Que he contra mi mais dura ,

E mui mais deshumana ,

Que o furor de Caliroe profana ?

OH CRUA , esquiya , & fera ,

Duro

Duro peito, cruel, empedernido,
 De alguma tigre fera,
 Da Hyrcania nascido,
 Ou d'antre as duras rochas produzido.

MAS QUE digo coitado,
 E de quem fio em vaô minhas querellas?
 Sò vòs, ò, do sagrado
 Humido Reyno, bellas,
 E claras Ninfas, condocivos dellas.

E DE ouro guarneçadas
 Vossas louras cabeças leyantando,
 Sobola agoa erguidas,
 As tranças gotejando,
 Sahi alegres todas, ver qual ando.

SAHI EM companhia,
 Cantando, & mais colhendo as lindas flores,
 Vereis minha agonia,
 Ouvireis meus amores,
 E sentireis meus prantos, meus clamores.

VEREIS o mais perdido,
 E mais mofino corpo, que he gèrado,
 Que està ja convertido
 Em choro, & neste estado,
 Sòmente vive nelle o seu cuidado.

O D E I V.

FERMOSA fera humana,
 Em cujo coração soberbo, & rudo,
 A força soberana

Tom. II.

R



Do vingativo Amor, que vence tudo,
 As pontas amoladas,
 De quantas setas tinha, tem quebradas.
 AMADA Circe minha
 Posto que minha nam, com tudo amada,
 A quem hum bem, que tinha
 Da doce liberdade desejada,
 Pouco a pouco entreguei,
 E se mais tenho inda entregarei.
 P O I S natureza irosa
 Da razaõ, te deo partes tam contrarias,
 Que sendo tam fermosa,
 Folgues de te queimar em flamas varias,
 Sem arder em nenhuma,
 Mais que em quanto alumia o mundo a Luz.
 P O I S triunfando vãs
 Com diversos despojos de perdidos,
 Que tu privando estàs
 De razaõ, de juizo, & de sentidos,
 E quasi a todos dando
 Aquelle bem, que a todos vãs negando.
 P O I S tanto te contenta,
 Ver o nocturno moço em ferro envolto,
 Debaixo da tormenta
 De Jupiter, em agoa, & vento solto,
 A porta, que impedido
 Lhe tem feu bem de magoa adormecido.
 P O R Q U E nam tens receyo,
 Que tantas insolencias, & etquivanças,
 A Deosa, que poem freyo

DE L. DE CAMOENS. 195

A soberbas & doudas esperanças ,
 Castigue com rigor ,
 E contra ti se acenda o fero amor ?
 OLHA a fermosa Flora ,
 De despojos de mil suspiros rica ,
 Pelo Capitaõ chora ,
 Que lá em Theffalia em fim vencido fica ,
 E foi sublime tanto ,
 Que altares lhe deo Roma , & nome santo.
 OLHA em Lesbos aquella ,
 No seu psalterio insigne conhecida ,
 Dos muitos que por ella
 Se perdêraõ , perdeo a cara vida ,
 Na tocha , que se infama ,
 Com ser remedio estremo , de quem ama.
 PELO MOÇO escolhido ,
 Onde mais se mostravaõ as tres graças ,
 Que Venus escondido
 Para si teve hum tempo entre as alfaças ;
 Pagou com morte fria ,
 A mã vida , que a muitos já daria.
 E VENDOSE deixada
 Daquelle , por quem tantos já dexára ,
 Se foi desesperada
 Precipitar da infame rocha cara ,
 Que o mal de mal querida ,
 Sabe , que vida lhe he perder a vida.
 TOMAIME bravos mares ,
 Tomaime vòs , pois outrem me deixou ,
 E assi dos altos ares ,

Pendendo com furor se arremeçou :
 Acòde tu suave ,
 Acòde poderosa , & divina ave.
 TOMA-A nas azas tuas ,
 Minino pio , illefa , & sem perigo ;
 Antes que nessas crúas
 Agoas cahindo , apague o fogo antigo ,
 He dino amor tamanho
 De viver , & ter tido por estranho ?
 NAM , QUE he razão , que seja
 Para as lobas izentas , que amor vendem ,
 Exemplo onde se veja ,
 Que tambem ficão prezas , as que prendem ,
 Assi deo por sentença
 Nemesis , que amor quiz , que tudo vença.

O D E V.

NUNQUA manhaã suave ,
 Estendendo seus rayos pelo mundo ,
 Despois de noite grave ,
 Tempestuosa , negra , em mar profundo ,
 Alegrou tanto Nao , que já no fundo ,
 Se vio em mares grossos ,
 Como a luz clara a mi dos olhos vossos.
 AQUELLA fermosura ,
 Que sò no virar delles resplandece ,
 Com quem a sombra escura
 Clara se faz , & o campo reverdece ,
 Quando a meu pensamento se entristece

Ella, & a sua viveza,
 Me desfazem a nuve da tristeza.
 O MEU peito, onde estais,
 He para tanto bem pequeno vaso,
 Quando acafo virais
 Os olhos, que de mi nam fazem caso;
 Todo, gentil senhora, então me abraço
 Na luz, que me consume,
 Bem como a borboleta faz no lume.
 SE MIL almas tivea,
 Que a tam fermosos olhos entregara,
 Todas quantas pudera,
 Polas pestanas delles pendurara,
 E enlevada na vista pura, & clara
 (Posto que disso indinas)
 Se andaraõ sempre vendo nas mininas.
 E vós QUE descuidada
 Agora vivireis de tais querellas,
 D'almas minhas cercada,
 Nam pudesteis tirar os olhos dellas,
 Nam pôde ser, que vendo a vossa entre ellas,
 A dor, que lhe mostrassem
 Tantas, huma alma sò nam abrandassem.
 MAS POIS o peito ardente
 Huma sò pôde ser fermosa dama,
 Basta que esta sòmente,
 Como se fossem duas mil vos ama:
 Para que a dor de sua ardente flama,
 Com vosco tanto possa,
 Que nam queirais ver cinza húa alma voſſa.



O D E VI.

PODE hum desejo immenso
 Arder no peito tanto ,
 Que à branda , & à viva alma o fogo intenso
 Lhe gaste as nodas do terreno manto ,
 E purifique em tanta alteza o espirito ,
 Com olhos immortais ,
 Que faz que lea mais , do que vê escrito ,
 QUE A flama , que se acende ,
 Alto tanto alumia ,
 Que se o nobre desejo ao bem se estende ,
 Que nunca vio ausente claro dia ,
 E lá vê do que busca o natural ,
 A graça , a viva cor ,
 N'outra especie melhor , que a corporal .
 P O I S vòs ò claro exemplo
 De viva fermosura ,
 Que de tam longe cà nôto & contemplo
 N'alma , que este desejo sobe , & apura ,
 Nam creais , que nam vejo aquella imagem ,
 Que as gentes nunca vem ,
 Se de humanos nam tem muita ventagem ,
 QUE SE os olhos ausentes ,
 Nam vem a compallada
 Proporção , que das cores excellentes
 De pureza , & vergonha he variada :
 Da qual a poesia , que contou
 Atéqui sò pinturas ,
 Com mortaes fermosuras igualou ,

SENAM vem os cabellos,
 Que o vulgo chama de ouro,
 E senam vem os claros olhos bellos,
 De quem cantão, que são do Sol thesouro,
 E senam vem do rosto as excellencias,
 A quem dirão, que deve
 Rosa, cristal, & neve as apparencias:
 VEM LOGO a graça pura,
 A luz alta, & severa,
 Que he rayo da divina fermosura,
 Que n'alma imprime, & fôra reverbera,
 Assim como cristal do Sol ferido,
 Que por fôra derrama
 A recebida flamma, esclarecido.
 E VEM a gravidade
 Com a viva alegria,
 Que misturada tem, de qualidade,
 Que huma da outra nunca se desvia,
 Nem deixa huma de ser arreçada,
 Por lèda, & por suave,
 Nem outra por ser grave muito amada.
 E VEM do honesto fiso,
 Os altos resplandores,
 Temperados co doce, & lèdo riso,
 A cujo abrir abrem no campo as flores,
 As palavras discretas, & suaves,
 Das quaes o movimento,
 Farà deter o vento, & as altas ayes.
 Dos OLHOS o virar
 Que torna tudo raso,

Do qual nam sabe o engenho dividir ,
 Se foi por artificio , ou feito a caso :
 Da presença os meneos , & a postura ,
 O andar , & o moverse
 Donde pôde aprenderse fermosura.
 AQUELLE nam sei que ,
 Que espira nam sei como ,
 Que invisível sabindo a vista o vê ,
 Mas para o comprehender nam lhe acha tomo ,
 O qual toda a Toscana poesia ,
 Que mais Febo restaura ,
 Em Beatriz , nem Laura nunca via.
 EM VÒS a nossa idade ,
 Senhora , o pôde ver ,
 Se engenho , & sciencia , & habilidade ,
 Igual à fermosura vossa der :
 Como eu vi no meu longo apartamento ,
 Qual em ausencia o vejo :
 Tais azas dà o desejo ao pensamento.
 POIS SE o desejo afina
 Huma alma acefa tanto ,
 Que por vòs use as partes da divina ;
 Por vòs levantarei nam visto canto ,
 Que o Bethis me ouça , & o Tibre me levante ,
 Que o nosso claro Tejo
 Envolto hum pouco o vejo , & dissonante.
 O CAMPO nam o esmaltão
 Flores , mas sò abrolhos
 O fazem feo , & cuido que lhe faltão
 Ouvidos para mi , para vòs olhos :

Mas faça o que quizer o vil costume ,
 Que o Sol , que em vòs està
 Na escuridão darà mais claro lume.

O D E V I I .

A QUEM darão de Pindo as moradoras
 Tam doudas como bellas ,
 Florecentes capellas

Do triunfante louro , ou myrto verde ,
 Da gloriosa palma , que nam perde
 A presumpção sublime ,
 Nem por força do peso algum se oprime ?

A QUEM traraõ na fralda
 Rosas a roxa Cloris ,
 Conchas a branca Doris ,
 Estas flores do mar , da terra aquellas ,
 Argenteas , ruiuas , brancas , & amarellas ,
 Com danças , & coreas ,
 De fermosas Nereidas , & Napeas ?

A QUEM faraõ os Hymnos , Odes , Cantos ;
 Em Thebas Anfion ,
 Em Lesbos Arion ,

Senam a vòs , por quem restituída
 Se vê da poësia já perdida

A honra , & gloria igual ,
 Senhor Dom Manoel de Portugal ?

IMITANLO os espiritos já passados ,
 Gents , altos , reais ,
 Honra benigna dais

A meu tam baixo, quam zeloso engenho:
 Por Mecenas a vòs celebro, & tenho,
 E facro o nome voffo
 Farei, se alguma coufa em verso posso.

O RUDO canto meu, que refuscita
 As horas sepultadas,
 As palmas já passadas,
 Dos bellicosos nosfos Lusitanos,
 Para thefouro dos futuros annos,
 Convosco se defende
 Da ley Lethea, à qual tudo se rende.

NA VOSSA arvore ornada de honra, & gloria
 Achou tronco excellente,
 A era florecente,
 Para mim atèqui de baixa estíma,
 Na qual para trepar se encôsta, & arrima,
 E nella subireis
 Tam alto, quanto os ramos estendeis.

S E M P R E forão engenhos peregrinos
 Da Fortuna envejados,
 Que quanto levantados,
 Por hum braço nas azas saõ da Fama,
 Tanto por outro a forte, que os defama,
 Co peso, & gravidade,
 Os opprime da vil necessidade.

M A S A L T O S coraçõens, dinos de imperio,
 Que vencem a Fortuna,
 Forão sempre coluna
 Da sciencia gentil: Octaviano,
 Scipiaõ, Alexandre, & Graciano.

Que vemos immortais ,
 E vòs, que nosso feculo dourais.
 Pois logo em quanto a cythara sonora,
 Se estimar pelo mundo ,
 Com tom douto , & jucundo ,
 E em quanto produzir o Tejo , & o Douro ,
 Peitos de Marte , & Febo crespo , & louro ;
 Tereis gloria immortal ,
 Senhor Dom Manoel de Portugal.

O D E V I I I .

A QUELLE unico exemplo,
 De fortaleza heroica , & ousadia ,
 Que mereceo no tempo
 Da Fama eterna ter perpetuo dia ,
 O graó filho de Thetis , que dez annos
 Flagello foi dos miseros Troyanos ,
 NAM MENOS ensinado
 Foi nas ervas , & medica policia ,
 Que destro , & costumado ,
 No soberbo exercicio da milicia ,
 Assi que as mãos , que a tantos morte dêrão ,
 Tambem a muitos vida dar pudêrão.
 E NAM se desprezou
 Aquelle fero , & indomito mancebo ,
 Das artes , que ensinou
 Para o languido corpo o intonso Febo ,
 Que se o temido Heitor matar podia ,
 Tambem chagas mortaes curar sabia.

TAIS ARTES aprendeo,
Do semiviro mestre, & douto, velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, sciencia, & em conselho,
Que Telefo por elle vulnerado,
Sò delle pôde ser despois curado.

POIS a vòs, ò excellente,
E illustrissimo Conde, do Ceo dado,
Para fazer presente
De altos Heroes o seculo passado;
Em quem bẽm trasladada està a memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria.

POSTO que o pensamento
Ocupado tendeis na guerra infesta,
Ou do sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou do Cambayo occulto inimigo nosso,
Que qualquer delles teme o nome vosso.

FAVORECEI a antiga
Sciencia, que já Achilles estimou:
Olhai, que vos obriga
Verdes, que em vòsso tempo rebentou
O fruto daquella Orta, onde florecem
Plantas nõvas, que os deutos nam conhecem.

OLHAI, que em vossos annos
Huma Orta produzio varias ervaes,
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doutas, & protervas,
Medea, & Circe nunqua conhecerão,
Poisto que à ley da Magica excederão.

E VEDE

E VEDE carregado
 D'annos, & traz a varia experiencia
 Hum velho, que ensinado
 Das Gangeticas Musas na sciencia
 Podaliria sutil, & arte silvestre,
 Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

O QUAL está pedindo
 Vosso favor, & ajuda ao graó volume,
 Que impresso à luz sahindo,
 Dará da medicina hum viyo lume,
 E descubrir nos ha segredos certos
 A todos os antigos encubertos.

ASSI QUE nam podeis
 Negar (como vos pede) benigna aura,
 Que se muito valeis
 Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
 Ajudai, quem ajuda contra a morte,
 E sereis semelhante ao Grego forte.

O D E I X.

F O G E M as neves frias
 Dos altos montes, quando reverdecem
 As arvores sombrias,
 As verdes ervas crecem,
 E o prado ameno de mil cores tecem.
 Z E F I R O brando espira,
 Suas setas amor afia agora,
 Progne triste suspira,
 E Filomela chora,

Tom. II.



O Ceo da fresca terra se namora.
 VAI VENUS Cytherea
 Com os coros das Ninfas rodeada,
 A linda Panopea
 Despida, & delicada,
 Com as duas Irmaãs acompanhada.
 EM QUANTO as officinas
 Dos Cyclopes Vulcano está queimando,
 Vaõ colhendo boninas
 As Ninfas, & cantando,
 A terra co ligeiro pè tocando.
 DECE DO duro monte
 Diana já cansada da espessura,
 Buscando a clara fonte,
 Onde por forte dura
 Perdeo Aëteon a natural figura.
 ASSI SE VAI passando
 A verde primavera, & seco estio,
 Tras elle vem chegando
 Despois inverno o frio,
 Que tambem passará por certo fio,
 IRSEHA embranquecendo
 Com a frigida neve o seco monte,
 E Jupiter chovendo
 Turbará a clara fonte,
 Temerá o marinheiro o Orizonte.
 PORQUE emfim tudo passa,
 Nam sabe o tempo ter firmeza em nada,
 E nossa vida escassa
 Foge tam apressada,

Que quando se começa he acabada.
 QUE FORAÕ dos Troyanos ,
 Heñtor temido , Eneas piedoso ?
 Consumiraõte os annos ,
 O' Cresso tam famoso ,
 Sem te valer teu ouro precioso.
 T O D O o contentamento
 Crias , que estava no thesouro ufano :
 Oh falso pensamento ,
 Que à custa de teu dano ,
 Do douto Solon creste o desengano !
 O BEM , que aqui se alcança ,
 Nam dura por possante , nem por forte ,
 Que a bem aventurança
 Duravel , de outra forte
 Se ha de alcançar na vida para à morte ,
 PORQUE em fim nada basta
 Contra o terrivel fim da noite eterna ,
 Nem pode a Deosa casta ,
 Tornar à luz superna
 Hypolito da escura noite Averna.
 NEM THESEO esforçado
 Com manha , nem com força rigurosa ,
 Livrar pode o ousado
 Pirithoo da espantosa
 Prisaõ Lethea , escura , & tenebrosa.



O D E X.

AQUELLE moço fero ,
 Na Peletronia cova doutrinado ,
 Do Centauro severo ,
 Cujó peito esforçado ,
 Com titanos de Tygres foi creado ;
 NA AGOA fatal minino
 O lava a máy , prefaga do futuro ,
 Para que ferro fino
 Nam passe o peito duro ,
 Que de si mesmo a si se tem por muro ,
 A CARNE lhe endurece ,
 Que ser nam possa d'armas offendida ,
 Cega , que nam conhece ,
 Que pôde haver ferida
 N'alma , que menos doe perder a vida .
 QUE AONDE o braço irado ,
 Dos Troyanos passava arnès , & escudo ,
 Alli se vio passado
 Daquelle ferro agudo
 Do minino , que em todos pôde tudo .
 ALLI SE vio cativo
 Da cativa gentil , que serve , & adora ,
 Alli se vio , que vivo
 Em vivo fogo mòra ,
 Porque de seu senhor se vê senhora .
 JA TOMA a branda lyra
 Na maó , que a dura Pelias mencàra :

Alli canta , & suspira ,
 Nam como lhe ensinàra
 O velho , mas o moço , que o cegàra ,
 Pois logo , quem culpado
 Serà , se de pequeno offerecido
 Foi logo a seu cuidado ,
 No berço instituido ,
 A nam poder deixar de ser ferido ?
 QUEM LOGO fraco infante ,
 Doutro mais poderoso foi fugeito ,
 Que para cega amante
 Foi de principio feito ,
 Com lagrimas banhando o brando peito ?
 SE AGORA foi ferido
 Da penetrante seta , & força de erva ,
 E se amor he servido ,
 Que sirva a linda serva ,
 Para que minha estrella me reserva.
 O GÊSTO bem talhado ,
 O airoso meneo , & a postura ,
 O rosto delicado ,
 Que na vista assegura ,
 Que se ensina por arte a fermosura.
 COMO PÔDE deixar
 De cativar , quem tenha entendimento ?
 Que a quem nam penetrar
 Hum doce gêsto atento ,
 Nam lhe he nenhum louvor viver izento.
 QUE AQUELLES , cujos peitos
 Ornou d'altas sciencias o destino ,
 S iij

Esses foraõ fugeitos
 Ao cego, & vaõ minino,
 Arrebatados do furor divino.
 O REY famoso Hebreo,
 Que mais que todos soube, mais amou,
 Tanto que a Deos alheo,
 Falso sacrificou,
 Se muito soube, & teve, muito errou.
 E o GRAÕ sabio, que ensina,
 Passeando os segredos da Sofia,
 A' baixa concubina
 Do vil Eunucho Hermia
 Ergueo aras, que aos Deoses sò devia.
 A R A S ergue, a quem ama,
 O Filosofo insigne namorado,
 Doese a perpetua Fama,
 Egrita, que culpado
 De lesa divindade he accusado.
 JA' foge donde habita,
 Já paga a culpa enorme com desterro,
 Mas ò grande desdita!
 Bem mostra tamanho erro,
 Que doutos coraçoens nam saõ de ferro.
 A N T E S na altiva mente,
 No futil sangue, & engenho mais perfeito,
 Ha mais conveniente,
 E conforme fugeito,
 Qade se imprima o brando, & doce effeito.

O D E X I.

AMORES DE PELEO COM THETIS ,
 & como de entrambos nasceo o forte
 Achilles.

NAQUELLE tempo brando ,
 Em que se vê do mundo a fermosura ,
 Que Thetis descansando
 De seu trabalho está fermosa , & pura ,
 Cançava Amor o peito
 Do mancebo Peleo de hum duro affeito.
 COM IMPETO forçoso
 Lhe avia já fugido a bella Nympha ,
 Quando no tempo aquoso
 Noto irado revolve a clara lympha ,
 Serras no mar erguendo ,
 Que os cumes dos outeiros vem lambendo.
 ESPERA VA O mancebo
 Com a profunda dor , que na alma sente
 Hum dia , em que já Phebo
 Começava a mostrar-se ao mundo ardente ,
 Soltando as tranças de ouro ,
 Em que Glycie de amor faz seu thesouro.
 ERA NO mez , que Apollo
 Entre os irmãos celestes passa o tempo ,
 O vento enfrea Eolo ,
 Para que o deleitoso passatempo
 Seja quieto , & mudo ,
 Que a tudo Amor obriga , & vence tudo.

O LUMINOSO dia

Os amorosos rayos despertava
 A' cega idolatria ,
 Que ao peito mais contenta , & mais agrava,
 Onde o cego menino
 Faz que os humanos creaõ que he divino.
 QUANDO a fermosa Nympha
 Com todo o ajuntamento venerando
 Na cristalina lympha
 O cristalino corpo està banhando ,
 Nas agoas , o qual vendo
 Nelle , alegre de o ver , se està revendo.
 O PEITO diamantino ,
 Em cuja branca teta Amor se cria ,
 O gesto peregrino ,
 Cuja presença torna a noite em dia ,
 A graciosa boca ,
 Que Amor com seus amores mais provoca
 Os RUBIS graciosos ,
 As pèrolas , que escondem vivas rosas
 Dos jardins deleitosos ,
 Que o Ceo plantou em faces taõ fermosas ,
 O transparente collo ,
 Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
 O SUBTIL movimento
 Dos olhos , cuja vista a Amor cegou ,
 A Amor , que com tormento
 Glorioso , nunca delles se apartou ,
 Pois elles de continuo
 Nas meninas o trazem por menino.

Os FROS derramados

Daquelle ouro , que o peito mais cobiça ,
 Donde Amor , enredados

Nos corações humanos fogo atiaça ,
 E donde com desejo

Mais ardente , começa a ser fobejo.
 O MANCEBO Peleo ,

Que de Neptuno estava aconselhado ,
 Vendo na terra o Ceo ,

Em taõ bella figura trasladado ,
 Mudo hum pouco ficou ,

Porque Amor logo a falla lhe tirou.
 E M FIM querendo ver

Quem tanto mal de longe lhe fazia ,
 A vista foi perder ,

Porque de puro amor , Amor não via ,
 Viofe assi cego , & mudo ,

Por a força de Amor , que pôde tudo.
 A G O R A se aparelha

Para a batalha , agora remetendo ,
 Agora se aconselha ,

Agora vai , agora està tremendo ,
 Quando ja de Cupido

Com nova setta o peito vio ferido.
 R E M E T E o moço logo

Para onde estava a chaga sem socego ,
 E com o fobejo fogo ,

Quanto mais perto estava , entaõ mais cego ,
 E cego , & cum suspiro ,

Na fermosa Donzella emprega o tiro.

VINGADO assi Peleo,
 Nasceo deste amoroso ajuntamento
 O forte Larisseo,
 Destruição do Phrygio pensamento,
 Que por não ser ferido,
 Foi nas agoas Estygias submergido.

O D E X I I.

JA A CALMA nos deixou
 Sem flores as ribeiras delectosafas,
 Ja de todo secou
 Candidos lyrios, rubicundas rofas,
 Fogem do grave ardor os passarinhos
 Para o sombrio amparo de seus ninhos.

M E N E A os altos freixos
 A branda viração de quando em quando,
 E de entre varios seixos
 O liquido cristal fae murmurando
 As gotas, que das alvas pedras faltao,
 O Prado, como perolas, esmaltao.

D A CAÇA ja cançada
 Busca a casta Titanica a espeffura,
 Onde à sombra inclinada
 Logre o doce repouso da verdura,
 E sobre o seu cabello ondado, & louro
 Deixa cair o bosque o seu thesouro.

O C E O defempedido,
 Mostrava o lume eterno das Estrellas,
 E de flores vestido

O campo , brancas , roxas , & amarellas ,
Alegre o bosque tinha , alegre o monte ,
O prado , o arvoredado , o rio , a fonte .

PORÉM como o menino ,

Que a Jupiter por a Aguia foi levado
Ao cerco cristalino ,

For do amante de Clície visitado ,
O Bosque chorará , chorará a Fonte ,
O Rio , o Arvoredado , o Prado , o Monte .

O MAR , que agora brando ,

He das Nereidas candidas cortado ,
Logo se irá mostrando

Todo em crespas escumas empollado ,
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda a parte movimento .

LEY HE DA natureza

Mudar-se desta forte o tempo leve ,
Succeder à belleza

Da Primavera o fruto , a elle a neve ,
E tornar outra vez por certo fio
Outono , Inverno , Primavera , Estio .

TUDO EM fim faz mudança ,

Quanto o claro Sol vê , quanto alumia ,
Não se acha segurança

Em tudo quanto alegre o bello dia ,
Mudaõ se as condiçoens , muda-se a idade ,
A bonança , os estados , & a vontade ,

SÒ MENTE a minha imiga

A dura condição nunca mudou ,
Para que o mundo diga ,

Que nella ley tão certa se quebrou ,
 Em não verme , ella sò sempre està firme ,
 Ou por fugir de Amor , ou por fugirme .

M A S J A sofrivel fora ,

Que em matarme ella sò mostra firmeza ,
 Se não achàra agora ,

Tambem em mim mudada a natureza ,
 Pois sempre o coração tenho turbado ,
 Sempre de escuras nuvens rodeado .

S E M P R E experimento os fios ,

Que em continuo receo Amor me manda ,
 Sempre os dous caudaes rios ,
 Que em meus olhos abrio quem nos seus anda
 Correm , sem chegar nunca o Verão brando ,
 Que tamanha aspereza vâ mudando .

O SOL SERENO , & puro ,

Que no fermoso rosto resplandece ,
 Envolto em manto escuro ,
 Do triste esquecimento , não parece ,
 Deixando em triste noite a triste vida ,
 Que nunca de luz nova he soccorrida .

P O R E M seja o que for ,

Mudese por meu dano a natureza ,
 Perca a inconstancia Amor ,
 A fortuna inconstante ache firmeza ,
 Tudo mudavel seja contra mi ,
 Mas eu firme estarei no que emprendi .

¶

EGLOGAS